

Proposto outro Plano Marshall

Olivier Udry

Uma nova e ampla concessão de crédito, a longo prazo, para os países em desenvolvimento, nos moldes do Plano Marshall, é a única saída para o atual problema de crescimento da economia mundial. Esses recursos não poderiam ser fornecidos sob a forma de empréstimos, mas a título de ajuda, tal como ocorreu com a reconstrução da Europa após a segunda Guerra Mundial. A intermediação seria assegurada pelo Fundo Monetário Internacional, configurando assim um programa de interesse também para os países industrializados, que não podem prescindir do desenvolvimento dos demais.



Claudinê Petrolis

Martinovits: dólar cairá mais 1 ano

Essa proposta parte do economista norueguês Alfred Martinovits, atualmente em visita ao Brasil. Especializado em economia internacional, ele considera que essa ajuda só cumprirá sua finalidade se não for limitada a um montante pouco expressivo. Os países receptores dos recursos seriam selecionados previamente, o que pressupõe um entendimento político. "Não acredito que, hoje, o FMI

seja a instituição mais indicada para liderar esse processo. O Fundo ficou em segundo plano durante muitos anos, agora está voltando à cena, mas suas práticas continuam as mesmas. Quanto ao Banco Mundial, ele seria eventualmente mais apto, desde que também mudasse suas regras e sua atual estrutura organizacional."

Martinovits compartilha da tese

segundo a qual os devedores só terão condições de pagar mantendo o crescimento de suas economias. "Esses países devem insistir na renegociação das taxas de juros que pagam, numa grande ampliação dos prazos de reescalonamento, algo como 50 anos. Melhor seria que os juros fossem fixos, caso contrário não se romperá o círculo vicioso que estrangula hoje os devedores."

Quanto às perspectivas da economia mundial, Martinovits considera que o dólar deverá cair ainda durante um ano, um ano e meio e que os Bancos Centrais, por mais que procurem defender essa moeda, não terão como reverter essa tendência. "Trata-se de um processo cíclico", diz o economista, condicionado por fatores de longo prazo, como os investimentos das multinacionais, que foram enormes nas duas últimas décadas, mas que hoje diminuíram e podem portanto conviver com um dólar mais fraco. O Grupo dos Sete tem pouca importância nesse contexto e sua ação só ganhará peso se a crise for efetivamente grave".

CONTRA A INFLAÇÃO,

CONCORRÊNCIA

Martinovits analisou o comportamento recente da economia brasileira e chegou a uma conclusão: o melhor remédio contra a inflação é a criação de mercados mais livres, nos quais a concorrência possa prevalecer plenamente. "Isso significa que o Estado deve forçosamente reduzir sua participação na economia, pois as estatais não sofrem qualquer concorrência e viciam os mercados." O economista da Noruega apóia integralmente o programa de privatização aplicado na Inglaterra que, a seu ver, é o país europeu que melhores perspectivas econômicas oferece atualmente. "Na Noruega também tivemos um excesso de intervenção estatal, mas nosso crescimento tornou-se mais consistente quando passamos a desregularizar."